

# O VOLEIBOL SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO: ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE GRADUANDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Yasmin Nadir de Almeida Silva<sup>1</sup>

Bruno do Prado Alexandre<sup>2</sup>

## RESUMO

O objetivo desse trabalho é apresentar de maneira problematizadora o voleibol sob uma perspectiva de gênero, no intento de apresentar as faces do preconceito que sujeitos do sexo masculino sofrem ao optarem pelo esporte, praticado em sua maioria por pessoas do sexo feminino. A opção teórica pela temática, surge justamente por ser um esporte que assume protagonismo em minha vida. O arcabouço teórico que fundamenta a investigação compreendem esporte, educação e gênero a partir de perspectivas não normativas e sob um viés pós-estruturalista. A metodologia adotada apoia-se em pressupostos da história oral, elementos que instrumentalizaram as análises das narrativas oriundas do trabalho de campo. Os ecos advindos das narrativas, amparados pelas reflexões teóricas, evidenciaram o quanto o preconceito e as discriminações atravessam o esporte quando praticado por homens, desvelando, os reflexos extremamente conservadores, machistas e homofóbicos que constituem parte da cultura brasileira.

**Palavras-chave:** Educação física. Voleibol. Gênero. Representações.

## ABSTRACT

The aim of this paper is to present volleyball from a gender perspective, in order to present the faces of prejudice that males suffer when opting for the sport, mostly practiced by females. The theoretical option for the theme arises precisely because it is a sport that takes center stage in my life. The theoretical framework that underlies the research comprises sports, education and gender from non-normative perspectives and under a poststructuralist bias. The adopted methodology is based on oral history assumptions, elements that instrumentalized the analysis of the narratives from the fieldwork. The echoes coming from the narratives, supported by the theoretical reflections, showed how prejudice and discrimination cross the sport when practiced by men, revealing the extremely conservative, macho and homophobic reflexes that are part of Brazilian culture.

**Keywords:** Physical Education. Volleyball. Genre. Representations

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de licenciatura em Educação Física da Faculdade EDUVALE/Jaciara – MT.

<sup>2</sup> Licenciado em História com Mestrado em Educação pela UFMT/CUR e professor da Faculdade EDUVALE/Jaciara – MT.

## **Introdução**

O presente artigo tem como objetivo apresentar de maneira problematizadora o preconceito que homens sofrem ao optarem por jogar em times de voleibol, considerando o fato desse esporte ser jogado em sua maioria por mulheres ou por homossexuais, esse esporte, assim como outros, estão permeados por representações sociais que nem sempre seguem direções positivadas. Nessa pesquisa, foi mobilizado um arcabouço teórico que compreende conceitos de gênero e sexualidade a partir de uma perspectiva não normatizadora, a fim de contribuir, do ponto de vista teórico e metodológico no processo de fundamentação das problematizações aqui realizadas em diálogo com narrativas de graduandos do curso de Educação Física de Jaciara – MT. Autoras e autores como Ana Maria Veigas, Joana Maria Pedro, Gilmaro Nogueira, Leandro Colling, Elni Elisa Willms, Julio César Coelho, Carmem Lúcia Sussel Mariano, Daniela B.S. Freire Andrade, Éderson Andrade, Leonardo Lemos de Souza e entre outros, contribuíram de maneira significativas com as reflexões aqui produzidas.

A opção teórica por essa temática surge em torno da prática do voleibol, justamente por ser um esporte que assume protagonismo em minha vida enquanto alguém que pratica com paixão, desde a infância. Nestes termos, pensa-lo em interface à reflexões propostas por alguns autores que o analisam sob o prisma do gênero é algo importante, sobretudo quando opto politicamente por tentar compreender as relações estabelecidas por homens nesse esporte, atravessados pelas representações sociais marcadas pelo preconceito e a discriminação ainda muito presentes nos tempos atuais, que terminam por estabelecer e definir lugares que devem ou não ser ocupados por mulheres e homens, tendo o gênero como elemento principal.

Metodologicamente, esta investigação se ancora em estudo de bibliografia especializada e em entrevistas que foram analisadas a partir das reflexões pautadas na história oral, que apresenta profícuas orientações às adequadas formas de estabelecer contato com as pessoas entrevistadas, a maneira de propor questões e o melhor modo de analisa-las a partir das questões chave propostas nessa investigação. Para tanto, foram realizadas 05 entrevistas a partir de um questionário semiestruturado com graduandos do curso de educação física do sexo masculino. As narrativas foram gravadas, e as perguntas se deram a partir de questões referentes às experiências vivenciadas em quadra, tentando compreender também algumas perspectivas em torno do voleibol no intento de perceber as representações sociais que atravessam as percepções desses participantes da pesquisa. As autoras Kênia Guimarães Furquim Camargo e Verena Alberti, são as principais

pensadoras mobilizadas nessa empreitada metodológica ante as análises das narrativas produzidas em campo.

O que impulsionou o desenvolvimento dessa investigação trabalho, foi a minha paixão pelo voleibol e a importância que esse esporte representa para a sociedade brasileira como um todo. Compreende-lo em interface com o preconceito existente em torno desse esporte e em diálogo com o contexto social e cultural no qual estamos inseridos é algo importantíssimo, sobretudo para estudantes e profissionais da educação física, que trabalham diretamente com essas atividades relacionadas ao corpo e suas expressões e que tem a potencialidade de reforçar preconceitos e estigmas, mas também combatê-los e desconstruí-los por meio de um trabalho crítico, sério e comprometida com o respeito às diversidades humanas e às pluralidades culturais.

Além disso, a relevância dessa investigação se eleva perante a possibilidade fornecer valiosas contribuições ante possíveis situações que educadoras e educadores físicos possam vivenciar em quadra ou em sala de aula, instrumentalizando-os por meio dos conceitos de gênero e sexualidade que se mostram muito presentes no contexto dos esportes. A necessidade do debate em torno dessas temáticas é urgente e necessária, em especial nos espaços educacionais, potenciais lugares de produção, reprodução e também de enfrentamento dos múltiplos preconceitos existentes na sociedade.

Ao término do processo investigativo, as narrativas dos entrevistados, analisadas à luz dos autores e autoras que pensam gênero enquanto conceito de análise histórica, sob um viés pós-estruturalista trouxeram à tona a face do preconceito no mundo do esporte, ainda muito presente quando se é ligado ao voleibol e ao sexo masculino em sua particularidade.

## **1 O voleibol sob uma perspectiva de gênero: algumas reflexões acerca do contexto brasileiro.**

Ao transpor esse debate especificamente para o campo dos estudos que pensam os esportes em interface com as questões de gênero e sexualidade, torna-se imprescindível levar em consideração as proposições apresentadas por Chaves (2015), quando destaca que na área esportiva, o feminino e o masculino acabam se prefigurando em elementos que divisam, ao menos no campo das representações, quem pode ou não praticar determinados esportes que não outros, a partir do gênero enquanto marcador estruturante das relações sociais historicamente produzidas e significadas, atribuindo ao mesmo tempo virilidade, força e robustez aos homens e delicadeza, fraqueza e leveza às mulheres, a

partir de pressupostos biologicistas que terminam, no âmbito da vida cotidiana, por determinar lugares e práticas sociais específicas de forma binária, fazendo desse modo, com que as figuras corporais estejam cada vez mais aptas à ditar, no meio esportivo, o que de fato é ser feminino e masculino.

Considerando as perspectivas apresentadas por Chaves (2015) para o cenário brasileiro e com vistas específicas para o voleibol, percebe-se que essa prática esportiva está cada vez mais associada a uma atividade presa ao universo feminino, reforçada pelos pressupostos descritos acima de leveza e precisão, elementos ligados à pressupostos de feminilidade culturalmente significados. Nesses termos, quando um homem demonstra interesse ou pratica esse esporte, tem na grande maioria dos casos sua sexualidade posta em xeque, sofrendo inclusive acusações de cunho homofóbico por parte de mulheres e homens, como algumas pesquisas têm apontado.

Na perspectiva apresentada por Nogueira e Colling (2015), a homofobia se prefigura como qualquer ato de repulsa, e preconceito contra pessoas homossexuais, podem ser expressas de diversas maneiras, a exemplo de agressões verbais, humilhações, constrangimentos, violência física, entre tantas outras formas. Parte do pensamento que estrutura todo esse preconceito, parte do pressuposto que sujeitos considerados desviantes do ponto de vista da sexualidade não são dignos de viver em sociedade, não podem ter os mesmos direitos que as outras pessoas.

Nesses termos, as questões de gênero tornam-se temas emergentes na contemporaneidade, sobretudo ante as situações de violência direcionadas àqueles e àquelas considerados homossexuais em nossa sociedade. Para tanto, a fim de produzir reflexões nessa direção, é imprescindível compreender minimamente como o gênero se constitui enquanto categoria de análise histórica.

Ao falar sobre gênero enquanto um conceito importante, Veiga e Pedro (2015), afirmam que o seu uso decorre, sobretudo do início dos anos 1980, quando as feministas se deram conta de que ser homem ou mulher, permeado pelo conjunto de regras e performatividades tem muito mais a ver com invenções culturais constituídas ao longo da história do que elementos dados de antemão pela matriz biológica. Além disso, esses estudos apontam que a orientação sexual, isto é, o desejo por pessoas do sexo oposto ou do mesmo sexo, nada tem a ver com o fato de ser homem ou mulher. Todas essas questões, apontam as autoras, estão ligadas à matriz heteropatriarcal que estruturam socialmente as sociedades ocidentais, relegando à mulher, ou ao que se compreende como feminino, como subalterno, digno de inferiorização e de privação de direitos.

Nessa perspectiva, Romariz (2012), destaca que a partir de meados da década de 1950, houve um considerável progresso que se refere à inserção das mulheres em determinados espaços considerados masculinos, produzindo algumas mudanças que muito têm a avançar. Essas mudanças também se fizeram sentir em algum alcance no campo dos esportes, porém com alguns entraves, por conta das funções sociais que as mulheres ainda assumem, em grande escala de maneira compulsória em nossa sociedade, a exemplo da maternidade, do casamento, da privação do lar, do cuidado de modo geral.

Na medida em que as mulheres vão assumindo determinados espaços de poder essa realidade vai, gradativamente se alterando, produzindo tímidos efeitos, que, no entanto, sinalizam novos horizontes. Considerando a importância da temática para a mudanças desse cenário de desigualdades, a escola assume um protagonismo fundamental.

No entanto, Mariano (2016) afirma que a escola em si, só se preocupa em falar sobre a sexualidade a partir da perspectiva da prevenção, relacionando-a à doenças ou à gravidez, e nunca pelo prisma do prazer, do respeito de do direito às experiências plurais. Quando a temática da sexualidade está relacionada à infância, pais e educadores se mostram retraídos, sob o falso pretexto de querer preservar a “inocência” das crianças, privando-as de diálogos que presam o respeito, o cuidado e o direito sobre o próprio corpo. A autora destaca a importância desse debate para todas as faixas etárias, uma vez que por mais que pais e educadores deixem esses assuntos de lado, as crianças aprendem por outros meios, a exemplo da internet, sem controle algum e quase sempre, com informações distorcidas e que contribuem para o preconceito e para a produção de estigmas sobre si e também sobre o outro.

No meio lúdico, muitas vezes na escola, as crianças são separadas pelo gênero, naturalizando atitudes e brincadeiras como bater, chutar, falar palavrões, entre outros, como coisas “naturalmente” masculinas, e as atividades voltadas ao cuidado, como a maternidade ou a cozinha, como sutis mecanismos culturais de preparação para o meio doméstico. Nesse sentido, delicadeza e agressividades são produções culturais que operam sobre os corpos e vidas desde a infância, fazendo parecer que são características determinadas pela dimensão biológica dos sujeitos. Para tanto, é importa ter em vista as indagações de Mariano (2016), “[...] que tipo de masculinidade estamos cultivando? Por acaso, desaprovamos que homens de hoje cuidem dos bebês, cozinhem e realizem tarefas domésticas? Por acaso, aprovamos condutas agressivas e violentas dos homens?” (p.92)

A sociedade brasileira é demasiadamente preconceituosa e a escola está inserida nesse contexto, e dessa maneira, educadores e educadoras precisam se posicionar, no sentido de se calar ante o preconceito, muitas vezes presente, mascarado em forma de zombarias e “brincadeiras” e que terminam por contribuir no fortalecimento da violência, da homofobia e do machismo de maneira silenciosa. A escola e a educação formal assumem grande importância no processo de enfrentamento à essas dimensões, bem como contribuir no fortalecimento dos estigmas, violências e preconceitos.

## **2 A história oral e suas potencialidades nas análises das narrativas: aspectos metodológicos do trabalho.**

Metodologicamente, essa pesquisa se ancora nas reflexões propostas pela história oral, que na perspectiva de Camargo e Almeida (2016), assumem grande importância no universo da pesquisa, uma vez que permite ao entrevistador colher e trabalhar a partir das informações fornecidas pelos entrevistados e as colocar em diálogo com os prismas teóricos escolhidos no processo de construção do trabalho, possibilitando melhores compreensões acerca do passado e de experiências pretéritas que muito têm a dizer ao tempo presente.

Por conseguinte, “[...] dar voz às pessoas é compreender que se pode escrever a História valendo-o do cotidiano[...] (p. 206)”, possibilitando ao pesquisador, por meio das narrativas coletadas e das teorias construir potentes diálogos capazes de produzir ponderações produtivas que dialogam com questões emergentes do tempo presente, como destacam Camargo e Almeida (2016). Nesse universo, “[...] Lidar com entrevistas é lidar com a subjetividade e esta é o mundo interno do ser humano, composto por emoções, sentimentos e pensamentos” (p. 207).

Por conseguinte, adoção da história oral enquanto eixo metodológico norteador da pesquisa se deu, justamente porque parte-se da compreensão de que tal método extrapola a realização de uma simples entrevista, mas ao contrário disso, lida com memórias e fatos revividos e ressignificados a partir de indagações do tempo presente e que, por meio das narrativas possibilitam novas e distintas compreensões de mundo que se colocam imperiosamente no tempo presente.

Nas compreensões apontadas por Pinsky (2010), as fontes orais são entrevistas gravadas com pessoas que vivenciaram ou viram determinada história ou fato e que podem, de maneira significativa, contribuir com suas representações sobre o passado,

já que podem ser entendidas como resíduos de ações específicas e que se reconstruem e ressignificam ao serem trazidas novamente.

Nos dizeres de Pinsky (2010), “[...] produção de fontes orais pode ser dividida em três momentos: a **preparação das entrevistas**, sua **realização** e seu **tratamento**.” (p. 171), ou seja, o projeto, a escolha do tema, deve estar visível que aquele tipo de metodologia é o mais adequado, sendo assim, deverá especificar quantas pessoas serão entrevistadas, as perguntas a serem feitas, deixar claro ao entrevistado ao que o tema está direcionado a dizer. Para tanto, o entrevistador deve estar ciente que nem todas as entrevistas poderão ser usadas em seu projeto, ou seja, algumas narrativas podem não atender às expectativas cabíveis à proposta do trabalho.

Após o roteiro de perguntas ser elaborado, o segundo passo é contato direto com o entrevistado, onde o entrevistador irá relatar o tema proposto, seus objetivos, a finalidade daquela entrevista, se o mesmo pode estar respondendo algumas perguntas, e se for feita a confirmação, o entrevistador irá certificar que há alguns documentos a ser preenchidos e assinados, para que a entrevista possa ser utilizada por ele e por outras pessoas/pesquisadores.

Nesse cenário de pesquisa, o roteiro é muito importante pois auxilia o entrevistador nos momentos da entrevista. Para tanto, as indagações devem ser bem elaboradas, diretas e amplas, para que o entrevistado possa ter um bom entendimento no decorrer da entrevista e não simplesmente fale o que o entrevistador quer ouvir. Nessa seara, é importante ter em vista que,

“[...] a **análise de um depoimento** de História oral [...] É preciso saber **“ouvir” o que a entrevista tem a dizer tanto no que diz respeito às condições de sua produção quanto no que diz respeito à narrativa do entrevistado.**” (PINSKY, 2010, p. 185)

Ou seja, é preciso respeitar o que o entrevistado está respondendo, sem o interromper quando o mesmo estiver em seu momento de fala. Ao analisar as narrativas através da perspectiva metodológica da história oral é formidável trabalhar também com outras fontes, a exemplo da pesquisa bibliográfica que também estrutura esse trabalho, com o intento de produzir debates e reflexões em diálogo com as narrativas trazidas à tona no ato da entrevista.

## 2.1 O percurso metodológico da pesquisa

Para a construção das fontes orais, foram entrevistadas 05 pessoas, todas do sexo masculino, com idade entre 20 e 31 anos, todos acadêmicos do curso de licenciatura em

Educação Física da faculdade Eduvale de Jaciara/MT, a partir de um questionário semi estruturado composto por 07 questões, relacionadas ao voleibol em diálogo com as questões de gênero e sexualidade, afim de desvelar perspectivas e representações sociais que hipoteticamente poderiam servir para problematizações na pesquisa.

O primeiro participante da pesquisa é Jonatan, 31 anos, casado, estudante de Educação Física, ex-jogador de voleibol profissional, com participação em campeonatos nacionais, atualmente trabalha como autônomo. Quando indagado acerca da importância do voleibol para a Educação Física, o mesmo relata que é um esporte fundamental, pois trabalha movimentos rápidos e a coordenação motora.

Segundo ele, enquanto participou de torneios e amistosos, nunca sofreu preconceito ou algum tipo de piada homofóbica, mas sabe que o preconceito existe nesse meio. Quando me referi ao que ele achava sobre homens que preferem jogar voleibol ao invés do futebol ou do futsal, ele diz que “[...] cada um tem um gosto do esporte que acha melhor para a sua vida, independente da opinião de outros [...]”. Quando pergunto sobre a maioria dos times serem formados por homossexuais, ele diz que é pelo fato de alguns heterossexuais terem preconceitos em estar jogando, ou no mesmo time que os sujeitos homossexuais.

Rodrigo é o segundo entrevistado do trabalho, tem 22 anos, é solteiro, e estudante de Educação Física. Em suas narrativas, relata que o voleibol é importante para a educação física pois trabalha a lateralidade, noção de tempo, espaço e a socialização. Para ele, o voleibol é um esporte gostoso de ser praticado, embora nunca tenha sido muito adepto por não ser sua “praia”. Quando me refiro a pergunta feita sobre os times serem praticados em sua maioria por mulheres, o mesmo relata que existe um preconceito muito grande em relação ao homem querer jogar ou praticar esse esporte.

Em diálogo com essas narrativas, Volpe (2018), destaca que “[...] O esporte moderno é uma arena de construção de gênero [...]” (p.10), ou seja, os esportes tanto os atuais como os já antigos ditam e rotulam o que deve ser praticado por homens ou por mulheres. Com isso, o homem por ter uma alta demanda no esporte, sofre uma melhor valorização tanto financeiramente, como no campo das representações positivadas, sobretudo, aqueles que alcançam grande destaque no esporte praticado. Seguindo com essas reflexões, o próximo entrevistado apresenta algumas perspectivas sobre o assunto.

Paulo, tem 20 anos e é estudante de Educação Física é solteiro e natural de Alagoas, e atualmente reside em Juscimeira-MT. Esse terceiro participante da pesquisa é adepto do voleibol de praia e outros esportes, como o futsal, voleibol entre outros. Quando

indagado a respeito do voleibol, expõe que é um dos melhores esportes que existe, apesar do futebol ser também uma de suas paixões, além disso, que quando começou a assistir e a jogar esse esporte, achou ótimo por todas as coisas que acontece no jogo, o rali por exemplo, que é um dos momentos mais “eletizantes” da partida de voleibol, onde os jogadores passam minutos com a bola no ar, sem deixar que a mesma caia no chão.

Quando o indago quanto à importância desse esporte na Educação Física, o mesmo relata que por ser um dos esportes mais praticados, se faz necessário que os educadores saibam aplicar e que dominem essa área esportiva, para que saibam ministrar melhor, tanto as aulas como os treinos. Quando me refiro a questão desse esporte ser praticado em sua maioria por mulheres, ele relembra sobre ser uma questão cultural, pelo fato de ser praticado em grande maioria por mulheres e que contribui com o direcionamento do preconceito para como os homens praticantes desse esporte. Já quando me refiro a times, em sua maioria serem compostos por homossexuais, ele diz que é uma questão de aceitação, pelo fato de os homossexuais acreditarem que nesse esporte eles serão “mais aceitos”. Ainda durante a entrevista, o mesmo afirmou nunca ter sofrido nenhum tipo de preconceito ou piada homofóbica enquanto jogava, quando participou de algum tipo de torneio ou amistoso.

O também participante Alexandre, de 27 anos, estudante de Educação Física e morador de Jaciara, solteiro e pai de 01 filho, afirmou que para ele, o voleibol é um esporte muito praticado no Brasil e no mundo, não só dentro das escolas mas, um esporte de grande visibilidade na sociedade, e informa que como futuro professor, o considera uma ferramenta importante no processo de ensino e que deve ser trabalho não apenas como desporto mais também como uma melhoria pessoal e social dos alunos. Quando pergunto sobre o que ele acha de meninos que gostam desse esporte, o relata que é importante a participação de ambos os gêneros e diz que a separação entre homens e mulheres nesse meio só deve ser feita em situações de competições. Quando pergunto sobre o que ele acha dos meninos que não gostam de jogar futsal, o mesmo diz que ele quando em sua infância, nunca teve apreço a esse esporte, e sempre preferiu o handebol enfatizou ainda, que no âmbito escolar devem ser trabalhados pelo professor todas as modalidades desportivas respeitando todas as escolhas dos alunos. Quando faço menção ao voleibol ser praticado em sua maioria por mulheres ele responde que acredita que nos dias atuais não mais, mas que antigamente sim, pois existia um tabu sobre homens praticarem o voleibol, por questões sociais e familiares e por conta disso essa pratica era pequena, que hoje em dia esse tabu ainda existe, porém com menor intensidade. Rogério expõe que nas

escolas onde desenvolveu o estágio supervisionado, nesse esporte a presença de homens era grande, tanto nas aulas quanto em competições.

Ao indagar sobre a presença de homossexuais serem maior em times de voleibol, o estudante responde que em sua vivência se deparou com essa presença em todos os esportes com que teve contato (futsal, basquete, handebol, vôlei) e que a orientação sexual não define qual esporte se deve praticar ou não. Quando pergunto se o mesmo já sofreu piadas homofóbicas enquanto praticava o voleibol, ele afirma que sim, e que apesar de não ter muita habilidade com o esporte sempre se disponibilizava a jogar. Sobre essa questão, o acadêmico de educação física diz ainda que na época, essa prática ainda era muito maior por parte das meninas do que meninos, os meninos que abriam esse leque, iam lá e estavam dispostos e jogavam eram taxados de homossexuais, que “não era bem nesse tom que eram as chacotas, pois usavam palavras pesadas e que não preciso nem falar”, mas que não se importava, pois, na época era comum esse tipo de comentário, e ressalta “não era normal, mas comum” e que ainda hoje isso acontece, só com menor frequência.

O quinto e último entrevistado é Gilberto, tem 21 anos e é jogador amador de voleibol, assim como os demais, é formando em Educação Física. O mesmo relata que ama o voleibol e que esporte foi essencial em sua vida, pois lhe proporcionou desenvolvimento e crescimento da personalidade, aumento da autoestima, socialização com novas pessoas e ideias, abrindo desse modo, portas para a participação de muitos campeonatos fora da região. Para Gabriel, o voleibol é importante na educação física pois é um esporte fundamental para a saúde e bem-estar do ser humano, ensina valores fundamentais, como a auto confiança, inclusão social, trabalho em equipe e respeito ao próximo. Ao me referir a meninos que gostam de jogar voleibol o mesmo relata que acha completamente normal, pois é um esporte como todos os outros, sendo assim, não é feito somente para um gênero, e sim para todos. Ao questioná-lo quanto aos meninos que não gostam de futsal, ele afirma que tem pessoas que não gostam por ser um esporte difícil, mas que também vem os preconceituosos, que não têm maturidade ou capacidade de entender a prática do voleibol.

Quando faço referência a esse esporte ser jogado mais por mulheres, o entrevistado responde que por achar que é um esporte técnico e divertido, e ele sendo homem, particularmente não vê graça em ficar chutando e correndo atrás de uma bola e que pensa que o voleibol exige mais da inteligência e capacidade dos atletas em improvisar em certos momentos. Quando me refiro a maioria dos times serem compostos

por garotos homossexuais, ele relata que com a experiência que ele tem e teve, ele viu poucos heterossexuais jogando voleibol e que talvez seja uma escolha específica de se sentir bem com esse determinado esporte.

Quando questiono referente a ele já ter sido alvo de piadas homofóbicas, o mesmo expõe que já foi alvo muitas vezes por esse tipo de comentários, mas que só se importa com as pessoas que são importantes em sua vida.

Ante todas essas narrativas, as reflexões de Volpe (2018) sinalizam acertadamente quando destaca que as questões relacionadas ao gênero e à sexualidade que operam no processo de diferenciação de mulheres e homens, se valem de diversos mecanismos e de representações sociais, a fim de produzir, com base nas diferenças biológicas, diferenças sociais, que sobremaneira, produzem lugares e percursos diferentes e sobretudo desiguais, tomando como base os marcadores sociais de gênero, classe, raça e orientação sexual. O voleibol nesse cenário, é um esporte marcado por esses estigmas que colocam sob suspeita a sexualidade de sujeitos masculinos que o praticam, num intrínseco processo de desvalorização quando o relaciona à homossexualidade, dimensão compreendida em grande escala como desvio e patologia no contexto brasileiro.

### **Algumas Considerações**

A partir das reflexões desenvolvidas até aqui com base nos autores e autoras e a partir das análises das narrativas coletadas durante o trabalho de campo, pode-se perceber o quanto ainda é intenso o preconceito em relação à homossexualidade, com especial foco no mundo dos esportes, universo pesquisado nesse trabalho. As entrevistas revelam essas dimensões de maneira bastante evidente, ao passo que dos cinco participantes da pesquisa, três afirmaram ter recebido piadas preconceituosas por apenas optarem por jogar voleibol.

Nessa arena de tensões e negociações, a educação assume um potente papel, o de transformar realidades por meio da crítica e do conhecimento. O professor ou a professora, em especial, com formação em educação, precisam se preparar para lidar da maneira correta com situações dessa natureza, extremamente presentes nas escolas e nas quadras, justamente porque se habita em todos os espaços sociais. Nessa dinâmica, problematizar as situações vivenciadas, produzir debates e reflexões sobre situações de preconceito são maneiras de prevenção dessa atroz violência contra a vida humana.

Em termos de parciais considerações, as narrativas foram capazes de evidenciar o quanto a dimensão do preconceito ainda se mostra latente contra aqueles sujeitos do sexo

masculino que optam por praticar o voleibol, esporte envolto à representações sociais que o relacionam à homossexualidade. Isso permite construir uma crítica em relação e à escola, que muitas vezes, separa times e esportes a partir das distinções de gênero, contribuindo para esse tipo de pensamento de atitudes. Evidencia ainda, a urgência de uma escola que eduque para a vida, para o respeito ao próximo, para as diferenças e pluralidades culturais, pensando os sujeitos enquanto humanos, antes serem mulheres ou homens, homossexuais ou heterossexuais.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Daniela B. S.Freire. **A quadra é deles e maria algodão é nossa: lugares potencialmente femininos e representação de gênero.** In: SOUZA, Leonardo Lemos de; ROCHA, Simone Albuquerque da. (Orgs.) Formação de educadores, gênero e diversidade. Cuiabá: EdUFMT, 2012, p.57-73.

ANDRADE, Éderson; SOUZA, Leonardo Lemos de. **Gênero, identidade e cultura nas práticas corporais no contexto escolar.** In: SOUZA, Leonardo Lemos de; ROCHA, Simone Albuquerque da. (Orgs.) Formação de educadores, gênero e diversidade. Cuiabá: EdUFMT, 2012, p. 75-89.

CAMARGO, Kênia Guimarães Furquim; ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. **As fontes orais e suas contribuições para a pesquisa em história da educação.** In: DUARTE, Aldimar Jacinto; CAVALCANTE, Cláudio Valente. (Orgs.) Histórias e memórias: sujeitos e processos educativos na educação pública em Goiás. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2016, p. 195-209

CHAVES, Paula Nunes. Estigmas do corpo, gênero e sexualidade no esporte: voleibol enquanto espaço da mulher e da “bicha”. **Anais do XIX Congresso brasileiro de ciências do esporte| CONBRACE VI Congresso Internacional de ciências do esporte| CONICE.** Vitória: ES. 08 a 13 de setembro de 2015. ISSN 2175-5930, p. 1-14.

FERRARI, Anderson. **Homossexualidade.** In: \_\_\_\_\_. Dicionário crítico de gênero. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015, p. 358-363.

NOGUEIRA, Gilmaro; COLLING, Leandro. **Homofobia, heterossexismo, heterossexualidade compulsória, heteronormatividade.** In: \_\_\_\_\_. Dicionário crítico de gênero. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015, p.353-358.

PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes históricas.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

RODRIGUES, Ádria Maria Riberio; ROCHA, Simone Albuquerque. **Adolescência o lugar do entre: as representações do menino e da menina frente ao fracasso escolar.** In: SOUZA, Leonardo Lemos de; ROCHA, Simone Albuquerque da. (Orgs.) Formação de educadores, gênero e diversidade. Cuiabá: EdUFMT, 2012, p. 125-149.

ROMARIZ, Sandra Bellas; VOTRE, Sebastião Josué; MOURÃO, Ludmila. Representação de gênero no voleibol brasileiro: a imagem do teto de vidro. **Movimento,** Porto Alegre, v. 18, n. 04, p. 219-237, out/dez, 2012.

SOUZA, Leonardo Lemos de. (Orgs.) Gênero, sexualidade, diversidade e educação. Cuiabá: EdUFMT, 2016, p.67-98.

SOUZA, Thiago Mattos Frota de. A importância do voleibol enquanto lúdico e modalidade desportiva dentro da educação física escolar. **Anuário da produção acadêmica docente**, Valinhos, São Paulo, vol. 04, n. 07, p. 115-124, março, 2011.

VEIGA, Ana Maria; PEDRO, Joana Maria. **Gênero**. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. (Orgs.) Dicionário crítico de gênero. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015, p.304-307.

VOLPE, Alexandre Alberto Scabello. **Sou gay e daí: a homossexualidade declarada por jogadores de voleibol – um estudo de caso**. 2018, 133 p. Dissertação (Mestrado apresentado ao Programa de Educação Sexual) - Faculdade de Ciências e Letras Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, 2004.

WILLMS, Elni Elisa; COELHO, Julio César. **Corpo e diversidade: “absurdas liberdades”?** In: SALGADO, Raquel Gonçalves; MARIANO, Carmem Lúcia Sussel;